Cinema (brasileiro) é a maior reflexão

Uma leva de sete longas nacionais, com grifes autorais como Helvécio Ratton, pede passagem pelo circuito neste fim de semana, com temas inflamáveis, numa fase de bilheterias altas para o país

O2 Play



'Só Não Posso Dizer O Nome' é baseado numa graphic novel chilena

RODRIGO FONSECA
Especial para o Correio da Manhã

Depois de uma espessa marola de falta de diálogo com as multidões que sempre o seguiram, o cinema brasileiro enfim vive uma fase de lucros altos, não apenas pelos 6.115.569 de tíquetes vendidos por "Minha Melhor Amiga", de Susana Garcia, mas pelo bom resultado (leia-se 316 mil pagantes) na abertura de "Os Farofeiros 3", que chegará a meio milhão de espectadores já, já. Paralelamente, "Feito Pipa", nosso representante oficial na corrida por uma vaga no Oscar, levou 99 mil pessoas às salas de projeção onde comove plateias narrando a luta de um garoto queer em prol de sua avó.

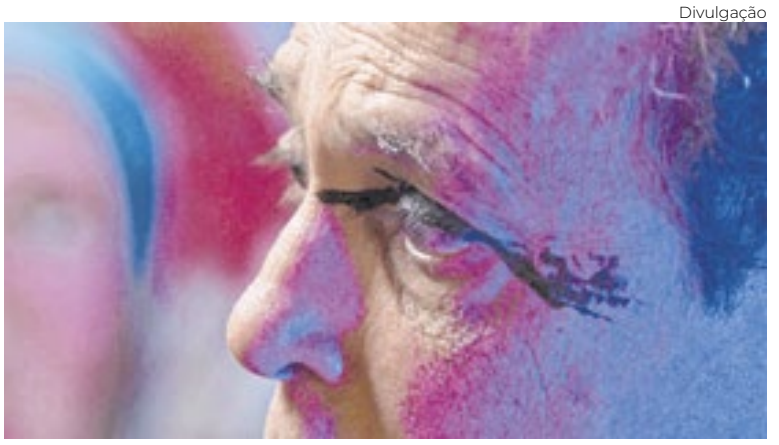
Nesse cenário onde números otimistas começam a se firmar, uma esquadra de peso, com DNA nacional, entra em circuito neste fim de semana. A Filme B, portal que analisa as receitas do audiovisual no país, registra que sete longas-metragens vindos de diferentes cantos do país batem à porta dos multiplexes hoje. São eles "Deixe-me Viver", de Walther Neto; "Peixe Abissal", de Rafael Saar; "Só Não Posso Dizer o Nome", de Helvécio Ratton; "As Benzedeiras", de Labibe Araújo; "A Virada - Ignição da Alma", de Alessandro Barros; "Nação Ubuntu – A Voz dos Silenciados", de Paulo Henrique Fontenelle; e "A Tropa de Goiânia", de João Lucas Ribeiro e Iuri Moreno. Cada um, a seu modo, debate urgências, violências e carências de nosso povo.

Divulgação



'As Benzedeiras' une espiritualidade, fé, e ancestralidade

Divulgação



'Peixe Abissal' mergulha no universo lírico de Luís Capucho

"Só Não Posso Dizer o Nome", de Helvécio Ratton, chega de Minas Gerais e se impõe como o mais aguardado desses títulos - em parte pela vasta e premiada quilometragem de seu diretor. "O Lodo", de 2020, foi seu exercício autoral anteior, mas ele traz consigo marcos das telas como "Menino Maluquinho - O Filme", de 1995. Seu regresso se dá numa nova adaptação de quadrinhos, numa troca com a artesania gráfica da chilena Nati Chuleta, a fim de denunciar abusos sexuais cometidos por homens contra filhas ou enteadas.

Com sua maestria habitual, Ratton mistura live action e animação para contar a história de Tina, uma jovem que decide denunciar à Justiça o abuso sexual cometido pelo padrasto durante sua infância, enfrentando a resistência da própria família. O roteiro traz a assinatura de Laura Barile e Pilar Fazito ao lado do cineasta, que escalou Lara Martinelli e Laura Del Picchia para interpretar Tina em diferentes fases da vida.

No âmbito documental, o longa que mais promete reverberar entres os estreantes da semana é "Peixe Abissal", de Rafael Saar. Exibido na Mostra Aurora da 26ª Mostra de Cinema de Tiradentes, a produção mergulha no universo lírico do escritor, cantor e compositor capixaba Luís Capucho. Retrata a trajetória do artista que transformou a convivência com o HIV e as sequelas físicas de suas doenças em matéria de reinvenção artística. Saar registra os caminhos de Capucho desde a sua infância em Cachoeiro de Itapemirim - e juventude em Niterói - até a consolidação de sua carreira na literatura, pintura e música. O filme resgata momentos decisivos de sua vida, como o diagnóstico com a palavra AIDS, nos anos 1990, e o período de coma em 1996, decorrente de uma neurotoxoplasmose. A partir do processo de recuperação e do reencontro com a própria voz, o artista reconstruiu a sua expressão criativa por meio de canções emblemáticas e os livros "Cinema Orly" (1999) e "Mamãe Me Adora" (2012).

Para semana que vem, a aposta do Brasil é "O Projeto", de Sabrina Fidalgo e Yvan Rodic, um ensaio sobre os ranços coloniais que alimentam as engrenagens do racismo. No dia 19, será lançado tambem a ficção

"Fogaréu", longa da goiana Flávia Neves que foi laureado com um prêmio de voto popular na Berlinale. Após a morte da sua mãe adotiva, Fernanda (papel de Bárbara Colen) volta para sua cidade natal em Goiás, dominada por uma elite rural conservadora. Em busca de justiça e da sua verdadeira identidade, Fernanda confronta os segredos da família e se torna uma ameaça à reeleição de seu tio, o prefeito da cidade.

São muitos Brasis. Um mais bonito que o outro.